

PIMENTAS NOS OLHOS NÃO É REFRESCO: FOTOGRAFIA, ESPAÇO E MEMÓRIA NA EXPERIÊNCIA VIVIDA POR JOVENS DE UM BAIRRO “PERIFÉRICO” DE GUARULHOS, SÃO PAULO¹

Andréa Barbosa
Universidade Federal de São Paulo

Este ensaio apresenta um recorte de fotografias, de vários autores, produzidas dentro de um projeto de pesquisa etnográfica que se propõe a realizar uma reflexão acerca dos fluxos de identidade, memória e experiência construídos por um grupo de jovens do e no Bairro dos Pimentas, Guarulhos/SP. Esse projeto tem como base a produção de imagens como forma de compartilhar conhecimentos e experiências, portanto ela é fundante como proposta epistemológica adotada.

Palavras-chave: fotografia, etnografia, juventude, antropologia visual, antropologia urbana. Guarulhos, São Paulo.

Este ensaio se insere no contexto de uma pesquisa que teve início em 2009² onde o trabalho com imagens figura como grande aliado para perceber o movimento próprio a cultura e a política. Não é apenas método, mas articulador de questões epistemológicas. Muitas vezes o que cabe refletir com e a partir das imagens provém justamente das possibilidades epistemológicas oferecidas por esta linguagem que nos provoca não só o intelecto mas também os sentidos e os sentimentos. Expressão de um estar no mundo permeado pela experiência e pela memória, carrega consigo rastros sobre esta presença que espero aqui iluminar.

ALGUMAS QUESTÕES INICIAIS

Uma primeira questão que norteia este trabalho é que as cidades são usualmente tomadas por uma unidade, mas tanto sua espacialidade como sua dinâmica obedecem a fluxos e sentidos bem diversos. Quando falo de espacialidade estou me referindo à questão de que os marcos físicos, arquitetônicos são mais do que construções urbanas feitas de ferro, tijolo e concreto.

1 Dedicó este ensaio a Barbara Cristina Sá, amiga e parceira de pesquisa nos Pimentas.

2 Pesquisa “Onde São Paulo acaba? Imagens, identidades e alteridades construídas entre as cidades de Guarulhos e São Paulo”. Financiada pela FAPESP/Fundação de Amparo a Pesquisa do estado de São Paulo.

São lugares que carregam uma força simbólica relacionada visceralmente com o imaginário e a experiência que se tem da cidade. Seu sentido se constrói na forma com que esses lugares se inserem na história dos indivíduos e da própria cidade. São o que Ecléa Bosi (1992) chama de “pedras da memória” e se mostram na forma como as pessoas vivem e se apropriam dos lugares, os rememoram e os recriam, construindo e reconstruindo a sua cidade vivida e lembrada. Não é incomum termos prédios ou mesmo áreas topográficas como morros que são demolidos mas permanecem na vida cotidiana dos moradores como uma referência. Um exemplo famoso seria o Morro do Castelo demolido os anos de 1940/50 na cidade do Rio de Janeiro, mas que ainda hoje permanece na boca dos moradores, nas placas dos ônibus e na experiência que se constrói no centro da cidade através de gerações. Outro exemplo seria o *bar do Zé* lá do bairro dos Pimentas em Guarulhos. Também demolido e substituído por um lava-rápido de automóveis ainda é utilizado como referência pelos moradores que indicam uns aos outros e mesmo aos forasteiros desavisados a experiência de um lugar: “Desça no ponto de ônibus do bar do Zé e entre na segunda rua a esquerda.....”. Para quem não é da região e não compartilha dessa experiência essa indicação parece uma cilada.

Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas? (Ecléa Bosi 1992:452)

Uma segunda questão importante a ser considerada como variável na relação que os indivíduos estabelecem com a cidade é a profusão de referências, imagens e objetos, oferecida por ela, questão que toma singular amplitude no caso de metrópoles como São Paulo. Essa intensificação da vida nervosa, nos termos de Simmel (1979 [1903]), não imobiliza e engole o indivíduo, nem impede a vida comunitária promovendo um individualismo impositivo. A escolha é inevitável e ela não ocorre somente por critérios subjetivos, mas também informada pela biografia de cada um e pela memória coletiva. Estando em relação, os indivíduos constroem cidades simbólicas semelhantes e redes de solidariedade e sociabilidade para viver nelas. São várias cidades que oferecem não um universo de fragmentos superpostos, mas uma intersecção de totalidades.³

Outra questão que orienta este ensaio é que estou trabalhando com uma metrópole específica: a metrópole São Paulo e com uma de suas cidades, Guarulhos, que faz parte deste complexo de municípios (são 37 ao todo). Os municípios em torno da cidade de São Paulo parecem “engolidos” pela metrópole. Não percebemos claramente os limites entre as cidades. Milhares de habitantes de Guarulhos, por exemplo, transitam cotidianamente pelas fronteiras em direção a outros municípios vizinhos, em especial São Paulo e estas fronteiras ora parecem ser simplesmente ignoradas por não fazer o menor sentido na vida cotidiana, ora são mobilizadas para marcar uma diferença que demarca identidades que veiculam desejos, afetos e também disputas políticas e econômicas.

Uma última questão norteadora é a que elege a produção de imagens como foco privilegiado para pesquisa etnográfica proposta. A produção de imagens, nesse processo, é ferramenta fundamental para provocar as questões a que me proponho refletir, como meio que permita perceber o movimento e vida presente nessa construção cotidiana da experiência social e como elemento mediador das subjetividades envolvidas. Neste jogo de representações e

3 Este argumento foi melhor desenvolvido no livro São Paulo cidade azul (Barbosa 2012).

apresentações que se estabelece entre sujeitos, a produção de imagens se configura por um lado, como um elemento complexificador, na medida em que propõe uma dinâmica de interação mais provocativa. Por outro, um elemento facilitador, pois a câmera é também um elemento muito sedutor. Produzir imagens, neste sentido, é construir um espaço privilegiado para elaboração das questões conceituais que mobilizam a própria pesquisa e é neste ponto que me aproximo do que David MacDougall (1999) chama de “cinema intertextual” quando argumenta sobre fazer filmes em uma pesquisa etnográfica. O intertextual aqui é fundamental, ou seja, o espaço de realização de imagens é também espaço para a reflexão porque é pensado como o lugar do encontro. Como o espaço no qual “observadores” e “observados” não estão essencialmente separados e no qual a observação recíproca e a troca estabelecida é o centro sobre o qual recai o foco. É justamente a partir deste enquadramento dialógico do campo de pesquisa que acredito ser possível criar uma análise fértil para as questões que proponho enfrentar. Uma experiência, onde o silêncio, os olhares, gestos e sonhos, possam ser, de fato, considerados elementos importantes na reflexão que se constrói. Acredito que uma abordagem dessa natureza talvez possa nos levar a uma compreensão de outra densidade de alguns problemas antropológicos como o que trazemos nesta pesquisa.

Partindo, então, deste conjunto de questões percebo que a complexidade oferecida pelas metrópoles me provoca a voltar a atenção para a fluidez e ambigüidade dos marcos espaciais e da apropriação que os atores sociais fazem deles. Qual é o significado de São Paulo e Guarulhos neste contexto? Qual a identidade possível construída para estas cidades por seus moradores? Atentar para a fluidez não é desprezar a importância do espaço como referência, mas como nos afirma George Marcus (1991) é perceber a necessidade de superar a perspectiva de um enfoque mais tradicional que vincula a formação de identidade a uma determinada localidade. Para este autor as metrópoles apontam para uma identidade múltipla que não pode estar referida a uma localidade única e homogênea: é preciso problematizar o espaço e também a noção de identidade atrelada a ela. É preciso perceber no espaço comum, que é cotidianamente trilhado, como vão sendo construídas coletivamente fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam e hierarquizam. Apesar dessa discussão não ser nova na antropologia, na vida cotidiana percebemos uma prática comum de territorialização das identidades especialmente no que tange as chamadas periferias. Seja na utilização do termo como chave política, seja como categoria de estigmatização e mesmo criminalização de seus moradores.

Neste sentido, o objetivo da pesquisa que origina este ensaio foi o de empreender uma reflexão acerca dos fluxos de identidades e alteridades construídos por um grupo de jovens moradores de um bairro “periférico” de Guarulhos – O Bairro dos Pimentas - a partir da produção de imagens fotográficas. A proposta foi provocar uma reflexão conjunta por meio da produção de fotografias acerca do bairro levando também em consideração no processo a crítica realizada por eles de algumas categorias classificatórias usadas, inclusive, pelas Ciências Sociais para definir a sua inserção no mundo como, por exemplo, a própria idéia de periferia. A periferia como lugar da ausência de recursos públicos e equipamentos de lazer, saúde e educação? Ou a periferia dos bairros auto-construídos, dos multirões, da vizinhança e do pertencimento comunitário? Afinal, de que periferia se está falando? Neste contexto, a produção de imagens se torna uma ferramenta privilegiada para a construção etnográfica a respeito destas instâncias de significação da vida e do espaço cotidianos. Espaços, imagens e memória são mobilizados para a elaboração de narrativas que passam também a participar na construção cotidiana da experiência. A produção de imagens entra então na pesquisa numa perspectiva de que podem ser mobilizadas para tornar visível o significativo. Mas, para além de tornar visível o significativo,

neste processo, ela operou também tornando visível os sentidos nem sempre explícitos, porque são sentidos que nem sempre estão no discurso, na palavra dita e sim na experiência.

Os Pimentas é um bairro “periférico”, situado entre duas grandes rodovias que ligam São Paulo às cidades do Vale do Paraíba e ao estado do Rio de Janeiro (a Via Dutra e a Rodovia Ayrton Sena). Tanto da perspectiva do “centro” de Guarulhos quanto de São Paulo é um lugar “muito longe”. Embora seja o bairro mais populoso do município e tenha uma das mais altas taxas de arrecadação de impostos, simbolicamente parece estar num lugar a meio caminho de ser um bairro periférico de Guarulhos e de São Paulo. O termo periferia está na ponta da língua dos cerca de 100 jovens que participaram das oficinas fotográficas “Pimentas nos olhos não é refresco” realizadas como proposta de construção de um setting etnográfico para esta pesquisa.⁴ Nessas oficinas fotográficas, por meio da mobilização de sua experiência e memória, nossos interlocutores são provocados a construir narrativas visuais sobre o bairro. Meus alunos e eu também produzimos imagens e narrativas e é justamente nesta troca de perspectivas e interações, neste enquadramento dialógico, que acredito estar a riqueza metodológica do trabalho. Percebo neste processo a elaboração de um espaço privilegiado para elaboração das questões conceituais que revitalizam e mobilizam a própria pesquisa.

Trazendo agora as imagens para o primeiro plano deste pequeno ensaio, pretendo levantar algumas questões a partir delas e provocar o leitor a pensar conosco. Voltemos ao termo periferia e sua presença forte no discurso verbal tanto dos jovens como também no nosso, os pesquisadores. Periferia é um termo carregado de significado político. Para os jovens dos Pimentas periferia carrega o peso da ausência do estado que se reflete em poucos espaços públicos para o lazer, postos de saúde, linhas de ônibus, saneamento básico etc. Para nós pesquisadores também. Neste discurso, pois, há uma convergência do sentido de periferia direcionado para a ausência. Contudo, nas fotografias destes jovens o que se mostrava era diferente. Paisagens inusitadas mostrando um bairro bucólico pouco presente nas palavras; brincadeiras de rua mostrando a criatividade para ocupar o espaço público como área de lazer, lages como espaço de sociabilidade e mesmo como espaço de comunicação... as fotografias eram plenas de presença. Presença de um protagonismo desses moradores, crianças, jovens e velhos para construir um espaço pleno de sentido e marcado pela solidariedade e criatividade. Será este um contra-discurso? Não creio. Vejo nas fotografias algo que merece ser demarcado e visto, mas que não rende no embate político por melhorias de infraestrutura também protagonizado pelos mesmos moradores. Vejo, então, duas formas de protagonismo que requerem estratégias discursivas diferentes e que são voltadas para interlocutores diferentes: o Estado e a própria comunidade.

4 Cabe aqui explicitar um pouco a minha estratégia metodológica para construir o *setting* etnográfico. Construí o meu campo de pesquisa a partir da realização de oficinas fotográficas como parte de um projeto de extensão universitária chamado “Pimentas nos olhos não é refresco” que coordeno, mas que é elaborado juntamente alunos de graduação e pós-graduação participantes do VISURB-Grupo de estudos visuais e urbanos da UNIFESP e grupos de jovens moradores do bairro dos Pimentas. Entre 2009 e 2011 Fizemos cinco edições da oficina. Todas as fotos aqui incluídas foram produzidas no âmbito dessas oficinas.

só um todo incompreensível, o “mundão” para usar uma expressão muito comum dos meus interlocutores. O limite que ela impõe é indispensável para a construção da paisagem.

As escolhas do enquadramento sugerem que elas mesmas regem a relação do nosso ponto de vista com a coisa múltipla, o mundão à nossa frente. No entanto, a “moldura da intenção entre o mundo e nós” não é o único filtro. Existem outros inúmeros filtros nesse processo de inventar a paisagem. Alguns estéticos, outros culturais e outros políticos.

Deixo aqui os leitores com as últimas imagens, algumas paisagens abertas para a reflexão sobre a possibilidade da invenção da paisagem, mobilizando sempre a memória, a experiência e o sonho do lugar onde se constrói a experiência cotidiana.

BIBLIOGRAFIA:

- Arantes Neto, Antonio Augusto. 2000. *Paisagens paulistanas: transformação do espaço público*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- Bosi, Ecléa. 1992. “Memória da cidade. Lembranças paulistanas”. Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo. *O Direito a memória*. São Paulo: DPH.
- _____. 1994. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Edusp.
- Ferrara, Lucrecia. 2000. *Os significados urbanos*. São Paulo: FAPESP/EDUSP.
- MacDougall, David. 1999. *Transcultural Cinema*. Princeton: Princeton University Press.
- Marcus, George. 1991. “Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial”. *Revista de Antropologia*, v. 34, São Paulo.
- Santos, Milton. 1986. *Pensando o espaço do Homem*. São Paulo: Hucitec.
- Sarlo, Beatriz. 2009. *A cidade vista*. Buenos Aires: Siglo XXI.

- Simmel, Georg. 1979. "A metrópole e a vida mental" [1903]. em *O fenômeno urbano*, Otávio Velho (org.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Shultz, Alfred. 1979. *A fenomenologia e as relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Zukin, Sharon. 1996. "Paisagens urbanas Pós-modernas : mapeando cultura e poder": *Revista do Patrimônio histórico e Artístico nacional*, 24.

PEPPERS IN THE EYES IS NOT A SOFT-DRINK! PHOTOGRAPHY, SPACE AND MEMORY AS EXPERIENCED BY YOUNG INHABITANTS OF A "PERIPHERAL" NEIGHBOURHOOD OF SÃO PAULO

This photo-essay presents a group of photographs, made by several authors. They are produced within an ethnographic research project that proposes to carry out a reflection on the flow of identity, memory and experience built by a group of young people in and of Bairro dos Pimentas, a neighborhood of Guarulhos / SP. This project is based on the production of images as a way to share knowledge and experiences. The production of images is here a foundational epistemological position.

Key-words: photography, ethnography, youth, visual anthropology, urban anthropology, Guarulhos, São Paulo.